

Alvos, miragens e guerras infundáveis¹

Thiago M. S. Rodrigues

“A papoula é cultivada para financiar a guerra santa contra as tropas soviéticas e seus asseclas de Cabul”. Era 1981, e essa declaração, atribuída ao *mullah* afegão Nassim Akhonzada, emergia num momento no qual inúmeros grupos guerrilheiros iniciavam uma luta de sombras e esquivas contra o regime político pró-soviético instaurado no país, a partir de 1979. A guerra civil no Afeganistão se estende por toda a década de oitenta, passando pela retirada soviética em 1989 e pela tomada de Cabul pelo Taleban já em princípios da década de 1990. Inconcluso, o conflito afegão permanece e após os atentados em Nova Iorque, ele entra em foco, uma vez mais, para as lentes ocidentais.

Poucas semanas após os atos terroristas nos EUA, a imprensa internacional passou a destacar o papel que o tráfico de ópio, haxixe e heroína teria no financiamento do Taleban e das supostas ações de Osama Bin Laden. Insinuações previsíveis, já que guerra e ópio formam um duplo em constante diálogo na história do sudoeste asiático. Nesta breve reflexão, contudo, é importante que reparemos em fatos recentes que remontam ao final da década de setenta. Com a queda da monarquia, em 1973, a ascensão de regimes pró-soviéticos e o início da guerra santa dos mujaheddin, após a invasão soviética, o cultivo de papoula e a produção de ópio tomam outros contornos afinados à situação de guerra civil. Acredita-se (Labrousse & Koutouzis, 1996) que parte significativa do financiamento às facções islâmicas em combate tenha vindo do tráfico ilegal de ópio bruto ou de heroína (ópio bruto beneficiado).

O apoio clandestino da CIA aos insurretos (realizado com o suporte do serviço secreto do exército paquistanês- ISS) incluía, em larga medida, o encobrimento do cultivo de papoula e cannabis nas ‘áreas liberadas’ pelos mujaheddin (McCoy, 1993). Procedimento que não era, dentro dos procedimentos e táticas anti-insurrecionais estadunidenses, inédito e tampouco isolado. Nesta mesma época, lembremos, a CIA se dedicava à proteção de rotas ilegais de tráfico na América Central que geravam divisas para

¹ Artigo publicado em Inter-relações n.5, São Paulo, , do Curso de Relações Internacionais da Faculdade Santa Marcelina mar-abr 2002.

o financiamento dos guerrilheiros Contra nicaragüenses; e nesta mesma época o presidente Ronald Reagan publicava uma nota (NSDD-221, de 1986) certificando o nascimento de uma nova ameaça: o ‘narcoterror’, combinação que amalgamava o perigo das *subversões de esquerda* (que caducaria em breve) e o do *narcotráfico* (novo destaque no leque das ‘afrentas à segurança nacional norte-americana’).

A retirada dos soviéticos, em 1989, torna a guerra intestina afegã desinteressante aos Estados Unidos. Contudo, a guerra civil não se encerra e o esgotamento das fontes soviéticas e norte-americanas torna ainda mais interessante ou mesmo fundamental, a estratégia do financiamento via tráfico: milícias islâmicas e o governo de Cabul não deixam de lançar mão desse recurso. O tráfico gera milhões de dólares que são trocados por armas e equipamentos; muitas vezes não há papel moeda mediando tais negociações: ópio, heroína e haxixe são títulos a serem ‘capitalizados’ em outras praças.

Tráfico de armas e de drogas são, de fato, circuitos de ilegalidade que se tocam, se complementam. Não é exclusividade do Afeganistão o estabelecimento destes pontos de aproximação destas redes clandestinas. Na mesma região poderíamos perscrutar o papel do tráfico de drogas na sustentação de conflitos na Tchetchênia, na Caxemira, no extremo oeste chinês. Redes ilegais, que transitam pela zona acinzentada onde capitalismo legal e movimentações clandestinas se encontram e se retroalimentam.

A associação entre ações terroristas, o regime Taleban e tráfico de drogas é discurso extremamente eficaz, pois alinhava numa mesma situação, inimigos considerados ‘flagelos da humanidade’. O que entra em questão, assim, é o próprio tema da ‘defesa da humanidade’. As declarações do primeiro-ministro inglês Tony Blair e as do presidente norte-americano George W. Bush, apresentam a resistência ao ‘terror fundamentalista’ como uma ‘guerra contra a barbárie’. Anuncia-se, desta forma, um novo processo civilizador, uma luta entre humanos e quase-bestas. A ‘bestialidade’, todavia, se espalha em vetores ‘não-cartografáveis’, em fluxos difíceis de serem demarcados, em sombras concretas. Dificuldade que se estende às malhas do tráfico de drogas e do tráfico de armas. Redes em conexão, terrorismos, tráficos e senhores da guerra circulam por lugares que ‘estão’ e não ‘são’.

Quando o ‘Ocidente’, não mais o oeste geográfico, mas o ‘oeste’ moral e moralizador, coloca em perspectiva terrorismo e tráfico de drogas, alinham-se alvos

próximos e nômades, práticas do ‘outro’, atos de ‘irrefreável barbárie’. Resta nos perguntarmos como se empreenderá uma guerra a um terrorismo que não se personifica em Bin Laden, num Estado-pária, no Taleban. O dismantelamento do regime do Taleban não parece oferecer uma perspectiva de paz para a conturbada história afegã, tampouco assegura um arrefecimento nas ameaças de novas hostilidades que podem irromper contra os EUA.

Lançados no turbilhão conflituoso deste início de século, precisamos reparar no processo de *confecção de inimigos* que se instaura, nesta produção de verdade que atualiza uma vez mais a modelagem do ‘civilizado’ e do ‘outro’. Alteridade que não está nos confins das montanhas asiáticas, mas que transforma aviões de carreira nos mais eficazes mísseis da história. Se o modelo de combate ao terrorismo seguir o padrão de combate ao narcotráfico, podemos começar a temer a dispersão de técnicas de rastreamento, de controle e de sujeição que miram em todos já que não se sabe quem é o alvo. As leis de exceção aprovadas nos Estados Unidos e no Reino Unido, ainda em ‘caráter emergencial’, disparam o sinal de alerta.

Bibliografia citada

LABROUSSE, Alain & KOUTOUZIS, *Géopolitique et géostratégies des drogues*; Paris, Econômica, 1996.

McCOY, Alfred; “Trafic d l’héroïne et politique internationale” in LABROUSSE, Alain & WALON, Alain; *La Planète des drogues: organisations criminelles, guerres et blanchiment*; Paris, Seuil, 1993.